

Ano 12, Vol XXIV, Número 2, jul-dez, 2019, Pág. 580-599.

PERSPECTIVAS À PSICOPEDAGOGIA DA CRIANÇA NO BRASIL

PERSPECTIVES TO PSYCHOPEDAGOGY OF CHILDREN IN BRAZIL

Rafael da Silveira

RESUMO: O artigo intitulado de “Perspectivas à Psicopedagogia da criança no Brasil” pretende analisar o seu aspecto histórico, desde a sua criação na França, em 1946, num contexto histórico, político e social de profunda crise do pós-guerra, onde buscava-se soluções para os problemas de comportamento e de aprendizagem, para que tal repertório evidencie a necessidade de uma Psicopedagogia voltada para a criança, de até doze anos incompletos, como denomina o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Para tanto, o recorte da pesquisa analisa além do aspecto histórico, as correntes teóricas e metodológicas da Psicanálise, da Psicologia e da Neurociência, consideradas fundamentais para compreender as fases do desenvolvimento da criança, ainda que se admita a existência de outras abordagens teóricas. E, por fim, discute-se a importância das inteligências múltiplas para que se efetive o trabalho de assessoria psicopedagógica com ênfase na criança de até doze anos incompletos, a fim de recriar sentidos para os processos de inclusão educacional e a promoção da aprendizagem de alunos que apresentam dificuldades no ato de aprender.

Palavras-chave: Assessoria psicopedagógica. História da Psicopedagogia. Psicanálise e Psicologia da infância.

ABSTRACT: The article entitled “Perspectives to Psychopedagogy of children in Brazil” intends to analyze your historical aspect, since it was created in France, in 1946, in a historical context, political and society of deep postwar crisis, solutions where sought for behavior problems and learning, for what such repertoire evidences the need for a Psychopedagogy child oriented, from to twelve incomplete years, as it denominates the ECA (Statute of Children and Adolescents). For this purpose, part of research analyzes beyond their historic, the theoretical concepts and methodological of Psychoanalysis, da Psychology and Neuroscience, considered key to understand the phases of child development, even if admit the existence of other theoretical approaches. Third, it is argued the importance of multiple intelligences for what menger the advisory work psychopedagogical with emphasis in children from to twelve incomplete years, in order recreate senses for educational inclusion processes and the promotion of the learning of students who have difficulties in act of learning.

Keywords: Advisory psychopedagogical. History of Psychopedagogy. Psychoanalysis and infancy Psychology.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo principal elencar proposituras à prática psicopedagógica brasileira às crianças, tendo como referência o período de infância demarcado pelo ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), em seu art. 2º, que “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos”, para tanto, o recorte da pesquisa será analisar o breve histórico da Psicopedagogia na França, que é o país de sua fundação, assim como a sua passagem pela Argentina até chegar ao Brasil, também em analisar as fases do desenvolvimento infantil tendo como aportes teóricos a psicologia, a psicanálise e a neurociência, principalmente, assim como os aspectos que envolvem os processos de assessoria psicopedagógica, apontando para iniciativas inclusivas educacionais e para a promoção da aprendizagem.

Sobre o breve histórico de sua atuação tendo como referência o país de seu surgimento, segundo Bossa (2000), a Europa no contexto do pós-guerra, e mais especificamente, a França em 1946, em que seu foco de atuação estavam sobre os princípios médicos, pedagógicos, psicanalíticos e psicológicos, sendo os primeiros fundadores dos centros psicopedagógicos, J. Boutonier e George Mauco, na busca de soluções dos problemas de comportamento e de aprendizagem, tais instituições tentavam readaptar crianças com comportamentos socialmente inadequados na escola ou no lar, assim como de atender crianças com dificuldades de aprendizagem apesar de serem inteligentes.

Sobre a psicologia do desenvolvimento infantil, vale destacar as fases descritas por Freud e Piaget, descritas no decorrer do trabalho, em fase oral ou sensório motora, em fase anal ou estágio simbólico, em fase fálica ou estágio conceptual, em fase de latência ou estágio das operações formais, e por fim, na fase genital do desenvolvimento infantil, neste sentido, é válido pontual que dentro das fases e dos estágios apontados pelos autores que representam a Psicanálise e a Psicologia, respectivamente, é possível elencar possibilidades de atuação metodológica e de instrumentos para que o psicopedagogo possa atuar em intervenções que favoreçam os processos inclusivos educativos, assim como a oportunidade de aprender mais e melhor para aqueles alunos com dificuldades de aprendizagem.

Em relação aos princípios da neurociência para o desenvolvimento infantil, no sentido de realizar uma releitura sobre as relações entre como o cérebro aprende e as estratégias que podem ser criadas em sala de aula, por exemplo, segundo (BARTOSZECK; BARTOSZECK, 2009), pode-se elencar a aprendizagem como uma atividade social onde os alunos precisam de oportunidades para discutir tópicos, as aulas práticas e exercícios físicos com envolvimento ativo dos seus participantes, as expectativas e padrões de desempenho às características etárias específicas dos alunos, os estudantes precisam sentir-se possuidores das atividades e temas que são relevantes para as suas vidas, são importantes as situações que reflitam o contexto da vida real, assim como as situações-problemas em que se aceite tentativas e aproximações ao gerar hipóteses e apresentação de evidências com alunos expressando conhecimento através das artes visuais, música, dramatizações, dentre outras.

Como o sistema nervoso de uma criança em desenvolvimento é mais plástico que o de um adulto, é muito importante a atuação correta e eficaz na estimulação da plasticidade para favorecer a máxima da função motora/sensitiva do aprendiz, visando facilitar o processo de aprender a aprender no cotidiano escolar (RELVAS, 2010, p. 38).

Sendo assim, o psicopedagogo tem o compromisso social de possibilitar a intervenção com o intuito de solucionar os problemas de aprendizagem tendo como eixo norteador o aluno, buscar a realização de um diagnóstico e intervenção psicopedagógica, utilizando métodos, instrumentos e técnicas próprias da psicopedagogia institucional ou clínica, assim como em refletir sobre a sua atuação nos problemas de aprendizagem, precisa desenvolver pesquisas investigativas e estudos científicos relacionados ao processo de aprendizagem, podendo levantar discussões e oferecer assessoria psicopedagógica aos trabalhos realizados em cenários escolares e clínicos.

Portanto, a Psicopedagogia é uma ciência multidisciplinar, seus profissionais devem se conscientizar sobre a necessidade da formação continuada e permanente, buscando sempre realizar novos cursos nas mais diversas áreas do conhecimento humano, como a linguística, a neurociência, a psicologia, a psicanálise, a antropologia, a filosofia, dentre outras, a fim de conhecer as múltiplas facetas humanas frente a complexidade dos problemas de aprendizagem. Segundo Beauclair (2011, p. 68), “Por

saber que a natureza da ciência é distinta da natureza da humanidade, posso afirmar que nossa tarefa é construirmos uma circularidade que integre e reconheça a interdependência existente entre seus campos”.

A Psicopedagogia tem a tarefa de poder vislumbrar a compreensão da trajetória humana evolutiva, em processos contínuos de religação da humanidade com a ciência, nos diferentes campos do conhecimento, na recuperação de vínculos perdidos presentes na formação tradicional, assim como na totalidade e articulações do pensamento sistêmico que envolvem o desejo, o corpo, o organismo, o movimento e a inteligência.

Sobre o tratamento e a assessoria psicopedagógicos, deve-se identificar a fragmentação dos conhecimentos, as atitudes pedagógicas, a construção que o aluno reproduz da imagem do professor e vice-versa, sobre a ideologia da realidade, dos mitos e símbolos, na direção da implantação de recursos preventivos no cotidiano escolar, assim como da investigação de diferentes metodologias sócio pedagógicas, histórico-antropológicas e etnológico-educativas (SILVEIRA, 2019, p. 127).

O trabalho psicopedagógico com crianças de até os doze anos incompletos depende da apropriação e objetivação no interior das relações com outros indivíduos, com os atores da escola, às famílias, à comunidade e com os próprios alunos como uma prática social marcada por sentidos atribuídos a prática do diálogo, que não é algo natural, mas que se constitui social e historicamente.

Destaca-se a presença do *outro* numa leitura psicanalítica em que estamos sempre em bipolaridade (porque o *outro* é ao mesmo tempo meu *igual* e meu *rival*), que traz consigo uma posição de poder e autoridade que me ameaça, numa ambivalente relação contraditória de demandas, necessidades e renúncias de ambas as partes, o que torna a prática profissional um enorme desafio para qualquer trabalhador da educação.

BREVE HISTÓRICO DA PSICOPEDAGOGIA

Brevemente, faz-se necessário levantar o histórico da criação da Psicopedagogia, levando em conta a relação do seu surgimento com os contextos históricos, políticos, tecnológicos, sociais e econômicos, visto que na atualidade esta é entendida como prática educacional pautada em buscar soluções, alternativas e caminhos para os problemas e as dificuldades de aprendizagem dos aprendentes.

Segundo Bossa (2000), a história da psicopedagogia tem início na Europa, em 1946, onde foram fundados os primeiros centros psicopedagógicos por J. Boutonier e George Mauco, com direção médica e pedagógica. Unindo-se conhecimentos da área de Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, procuravam readaptar crianças com comportamentos socialmente inadequados na escola, na família, assim como atendendo àquelas crianças com problemas de aprendizagem mesmo sendo inteligentes.

Vale frisar que o ano de 1946 caracterizou o momento caótico do pós-guerra no contexto europeu da 2ª guerra mundial, em completa desarmonia e devastação social-política e humanitária, com milhões de mortos e desamparados pela presente guerra que devastou o cenário mundial. Na vastidão dos desamparados e abandonados pela guerra, os inúmeros casos de crianças com problemas de aprendizagem, vinculados a perda de familiares, às sequelas psicológicas deixadas pelas batalhas e às deficiências provocadas pelas radioatividades.

Para entender o que é Psicopedagogia, acredito ser importante ir além da simples junção dos conhecimentos, oriundos da Psicologia e da Pedagogia, que ocorre com bastante frequência no senso comum, isto porque, em sua própria denominação, Psicopedagogia aparece suas partes constitutivas – psicologia + pedagogia – e que oferece uma definição reducionista a seu respeito (BEAUCLAIR, 2006, p. 28).

É tarefa da Psicopedagogia enquanto área do conhecimento, integrar de modo coerente os conhecimentos e os princípios de diferentes áreas do saber humano, de forma interdisciplinar, a fim de atingir a sua meta principal em compreender os vários processos implicados no inerente saber humano, enquanto possibilidade de inclusão educacional e promoção da aprendizagem da criança, para tanto, irá buscar conhecimentos de diferentes áreas do saber como a Psicologia, a Pedagogia, a Psicanálise, a Neurociência, a Filosofia, dentre outras.

Outro país de grande influência da tradição em Psicopedagogia é a Argentina, sua atuação profissional envolve aspectos preventivos, de assessoramento e orientação nas aprendizagens sistemáticas e assistemáticas, terapêuticas, diagnósticas e de tratamento dos problemas de aprendizagem.

Ao final de 1940, a Psicopedagogia inaugura-se como uma disciplina na recém-criada Facultad de Psicología de la Universidad del Salvador, Buenos Aires. Nesse país, em 1956, a Psicopedagogia constitui-se como curso de graduação de três anos, para formar docentes capazes de atuar na psicologia

aplicada à educação, dedicada explicitamente ao aperfeiçoamento docente e ao âmbito educativo, na confluência da Psicologia e Pedagogia (SANTOS, et al., 2012, p. 314).

Assim, a Psicopedagogia na América do Sul, emerge na Argentina a partir da década de 1950, dando início à formação universitária a partir de 1956, tendo como precursora Arminda Aberastury e Jorge Visca. Em 1970, surgiram em Buenos Aires os Centros de Saúde Mental, onde equipes de psicopedagogos atuavam fazendo diagnóstico e tratamento para resolver problemas de aprendizagem e distúrbios de personalidade. Atualmente, há o olhar e a escuta clínica psicanalítica, perfil do psicopedagogo argentino.

Neste sentido a corrente europeia influenciou a Argentina, que passou a atender as pessoas portadoras de dificuldade de aprendizagem, num trabalho de reeducação, utilizando-se os conhecimentos de linguagem e de psicomotricidade para melhorar a compreensão das referidas dificuldades, segundo Bossa (2000, p. 58), naquele país são aplicados testes de uso corrente, “alguns dos quais não são permitidos aos brasileiros por serem considerados de uso exclusivo dos psicólogos”.

Segundo (SANTOS, et al., 2012), o perfil profissional do psicopedagogo oferecido pelos cursos da Argentina estão voltados para a educação e saúde, com foco nos processos de aprendizagem, demarcando as tarefas preventivas e assistenciais, neste país a profissão é legalmente reconhecida e, portanto, tem definidos os aspectos que delimitam sua atuação profissional e estão diretamente ligada à Faculdade de Psicologia, fazendo parte dessa unidade acadêmica.

Interessante notar que chegou ao Brasil na década de 70, em uma época cujas dificuldades de aprendizagem eram associadas a uma disfunção neurológica denominada de disfunção cerebral mínima (DCM), virando modismo neste contexto histórico brasileiro, neste sentido, serviu para camuflar problemas sociopedagógicos.

Vale lembrar, que nesse mesmo período, estavam em curso no nosso país, uma ditadura militar iniciada em 1964, tendo seu desfecho na década seguinte com a redemocratização brasileira e a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, assim como de vários movimentos socioculturais em demandas étnico-raciais, sexistas, trabalhistas, dentre outras.

A Psicopedagogia no Brasil remete ao seu histórico na Argentina, devido à proximidade geográfica e ao acesso fácil à literatura, segundo Sisto (1996), tem sido sustentada por três pilares principais, através de correntes teóricas da psicanálise, do associacionismo e do construtivismo. Em Psicanálise, a base fundamental são a criação de vínculos necessários para que ocorra a aprendizagem, no associacionismo a valorização está centrada no tecnicismo, prevalecendo os elementos externos ao indivíduo sobre os aspectos cognitivos e no construtivismo as relações socioculturais mostram-se essenciais para o desenvolvimento na construção do conhecimento.

Neste sentido, sua história foi marcada pela presença da ABPp, local de debate sobre qual seria o seu verdadeiro papel na sociedade brasileira, fortaleceu “[...] a sua autonomia nos anos de 1995 a 1996, onde foram elaborados vários documentos importantes, como o código de ética, explicitando seu campo de atuação, sua área científica e seus critérios de formação acadêmica”, segundo (SILVEIRA, 2019, p. 121).

A profissão do psicopedagogo ainda não está regulamentada, mas o projeto se encontra na Comissão de Constituição, Justiça e Redação, na Câmara dos Deputados Federais, para ser aprovada. Enquanto isso, somos considerados técnicos da educação, a formação do psicopedagogo vem ocorrendo em caráter regular e oficial em cursos de pós-graduação oferecidos por instituições devidamente autorizadas ou credenciadas. Também é possível constatar a presença do curso de graduação em Psicopedagogia no Brasil, sendo oferecidos por instituições como a Universidade Católica de Brasília, a Universidade Castelo Branco do Rio de Janeiro, por exemplo.

No que se refere a prática psicopedagógica institucional preventiva, merece destaque a dificuldade dos psicopedagogos brasileiros em propor procedimentos de avaliação e de intervenção, assim como de procedimentos de diagnósticos para a intervenção caracterizado pelo indefinição quanto ao instrumental utilizado no trabalho psicopedagógico. Neste sentido, faz-se necessário refletir sobre seu aspectos teóricos e práticos inerentes a atividade, com ênfase em proposituras que sinalizem para os processos educacionais inclusivos e a promoção da aprendizagem de alunos com problemas e dificuldades no ato de aprender.

PSICANÁLISE, PSICOLOGIA E NEUROCIÊNCIA DA INFÂNCIA

Sobre a psicologia do desenvolvimento infantil, vale enfatizar que poderiam ser abordados outros campos do conhecimento, como a filosofia, assim como poderiam ser elencados outras correntes pedagógicas que analisam o comportamento humano, o ato de aprender e a sua complexidade, porém, porém, por uma questão metodológica e objetiva da pesquisa foram selecionados a Psicologia – com a abordagem construtivista e cognitiva – em Psicanálise – com a abordagem psicodinâmica da psicologia, da evolução da psicosexualidade e da libido – e em Neurociência – com a abordagem do sistema nervoso e suas funcionalidades para poder entender o processo de desenvolvimento e da aprendizagem ocorrida no cérebro humano.

Basicamente, as fases do desenvolvimento infantil sob o recorte psicanalítico analisa o processo do desenvolvimento humano através da evolução da psicosexualidade e da libido em Freud, iniciam-se desde a infância e passam por cinco fases distintas, a saber: a fase oral (de 0 até 1-2 anos), a fase anal (1 até 3 anos), a fase fálica (3 até 5 anos), a fase da latência (7–12 até aos 14 anos) e a fase genital (12 – 15 até os 18 anos), em que a organização da libido, em torno de uma zona erógena, dando uma fantasia básica e uma modalidade de relação com determinado objeto.

De acordo com Amaral (1995), o trabalho de Freud sobre os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* de 1905, delineou uma teoria da desenvolvimento psicosexual com cinco fases distintas: o estágio oral, onde sua principal região de prazer é a boca; o estágio anal, quando a região de prazer se desloca para o ânus, no controle de retenção e liberação das fezes; o estágio fálico, quando dá-se então conta da diferença de sexos e das respectivas orientações sexuais, tendendo a fixar a sua atenção libidinoso nas pessoas do sexo oposto e culminando com a resolução do Complexo de Édipo tanto em meninos como em meninas, com as sucessivas evoluções do desenvolvimento humano na fase da latência e na fase genital.

Vale frisar que a sexualidade infantil apresenta um caráter bastante polimorfo, sem se encontrar organizada em estágios sucessivos de desenvolvimento, neste sentido a libido é a energia afetiva original que sofrerá progressivas organizações durante o desenvolvimento cada uma das quais suportada por uma organização biológica emergente no período. Assim, cada nova organização da libido apoia-se numa zona erógena corporal, caracterizando uma fase de desenvolvimento do indivíduo.

Segundo (D`ANDRÉA, 2001), o conceito de desenvolvimento da personalidade freudiano que ocorre nas fases: oral, anal, fálica, latência, adolescência, maturidade e velhice. Afirma que em cada fase, a pessoa deve aprender a resolver certos problemas específicos, originados do próprio crescimento físico e da interação com o meio. A solução dos diferentes problemas, que em grande parte depende do tipo de sociedade ou cultura resulta na passagem de uma fase para a outra e na formação do tipo peculiar de personalidade, em que no decorrer das fases, o indivíduo expressa seus impulsos e suas necessidades básicas dentro de moldes que visam a continuação da cultura sociocultural a que pertence.

A atuação do psicopedagogo com crianças que possuem até os doze anos incompletos, deve observar a corrente pedagógica conhecida como construtivismo, abordado por Piaget sob o recorte da Psicologia educacional, que é uma concepção teórica que parte do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio, de que o indivíduo não nasce inteligente, mas atrevesse pelo processo de maturação orgânica e também não é passivo sob a influência do meio, no sentido de que corresponde aos estímulos externos agindo ativamente para construir e organizar o próprio conhecimento ao longo do desenvolvimento e das fases da vida.

Nesse sentido, para evidenciar ainda mais o pensamento de Piaget sobre o papel do professor no processo educativo, assim como a tarefa do psicopedagogo em conscientizar as suas ações pedagógicas, segundo Coll (1996), pensador de corrente construtivista piagetiana, escreve sobre a construção do conhecimento na escola, defende que o construtivismo está organizado a partir de três ideias fundamentais: 1) o aluno é o responsável por sua aprendizagem; 2) no ambiente escolar, o conhecimento que já foi elaborado tem que ser reconstruído pelo aluno; 3) o professor tem o papel de orientador no processo de reconstrução do conhecimento. A tarefa do professor é “(...) encadear os processos de construção do aluno com o saber coletivo culturalmente organizado” (COLL, 1996, p. 396), ainda destaca que o professor deve orientar o aluno para que ele aprenda por si mesmo.

Basicamente, as fases do desenvolvimento infantil visto como um processo de equilíbrições sucessivas e cognitivas, para a Psicologia educacional em Piaget, passam por quatro fases distintas, a saber: a sensório-motora (até dois anos), a pré-operatória

(de 2 a 7 anos), a operatório-concreta (de 7 a 13 anos); e por fim, a operatório-formal (de 13 anos até a fase adulta).

Segundo Piaget (2003), tais fases do desenvolvimento interagem da seguinte forma: o estágio sensório motor (é a fase em que a criança aprende a diferenciar os objetos externos das partes do corpo e começa a conhecer a própria coordenação motora - a criança pega, balança, joga, bate, morde objetos como forma de experimentação e definição pré-lógica, conceituando o que balança, o que não balança, o que faz barulho, o que não o faz, dentre outros); a pré-operatória (é a fase simbólica que consiste em uma centralização da criança nela mesma como [momento mais egocêntrico](#), onde ela aprende mais sobre si mesma e o próprio corpo – a criança começa a estruturar pensamentos através de esquemas de ação interiorizados que são denominados esquemas representativos ou simbólicos, sendo capaz de ter uma ideia pré-existente sobre algo, substituir o boneco pelo bebê, e imitar a mãe usando sua bolsa ou sapatos); a operatório-concreta (é a fase de continuação do egocentrismo infantil, com um pouco de dificuldade de se colocar no lugar do outro - a criança está pronta para iniciar um processo de aprendizagem sistemática e adquirir uma autonomia crescente em relação ao adulto, passando a organizar seus próprios valores morais e suas ações interiorizadas tornam-se cada vez mais reversíveis, não confunde mais o real e o fantástico e interage melhor com o mundo ao seu redor, o pensamento torna-se menos egoísta), e por fim, a operatório-formal (é a fase que consiste no amadurecimento cognitivo, na criação de ideias até tornar-se um adulto de fato, por isso, esse é um período longo até a fase adulta - a criança raciocina logicamente, podendo pensar e trabalhar não só com a realidade concreta, mas também com a realidade possível, é capaz de tirar conclusões de puras hipóteses).

Segundo Piaget (1998), a escola tradicionalista não leva em conta o processo de assimilação (conhecimento prévio) para atingir a acomodação (aprendizagem de um novo conhecimento), visto como um processo cognitivo necessário para a construção da aprendizagem e do conhecimento na relação entre o sujeito e o seu objeto.

Segundo Moreira (1999), só há aumento de conhecimento quando o esquema de assimilação sofre acomodação. O professor deve criar situações desafiadoras que provoquem desequilíbrios cognitivos adequados ao nível de desenvolvimento para que o aluno atinja novamente o equilíbrio, que se trata do aprendizado de um novo conceito

que antes não era dominado, ou seja, incorporando os processos de acomodação, adaptação, assimilação e a readaptação, desenvolvendo-se cognitivamente.

Neste sentido, o psicopedagogo deve intervir no sentido de colaborar na criação de tais situações desafiadoras, promovendo a inclusão e a promoção da aprendizagem com alunos que possuem mais dificuldades para aprender, considerando sobretudo as fases do desenvolvimento infantil, que serão discutidos mais a diante.

Basicamente, os estudos da neurociência centram-se em analisar o sistema nervoso e suas funcionalidades para poder entender o processo de desenvolvimento e da aprendizagem do ser humano através do seu cérebro e das atividades das conexões entre as suas milhares de células, segundo (RELVAS, 2010, p. 24), em que “o sistema nervoso coordena as atividades internas e externas do organismo, produzindo uma integração e a busca em manter a homeostase (equilíbrio) do indivíduo com o mundo externo”.

A relação entre educação e estimulação cognitiva tem sido pouco estabelecida, segundo (RIBEIRO; FREITAS, 2019), geralmente a educação formal possui uma estruturada de currículos formais para ensinar os conhecimentos que não são adquiridos de forma espontânea e na maioria das vezes, os professores desconhecem os processos neurocognitivos que estão envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem.

Neste sentido, os processos de aprendizagem envolvem um conjunto de funções cognitivas altamente complexas em constante desenvolvimento, o que caracteriza a necessidade de uma educação formal como mecanismo bidirecional no qual a estimulação pode gerar melhores desempenhos neurocognitivos que demandam mais estímulos nas atividades didático-pedagógicas.

Em uma visão neurobiológica da aprendizagem, pode-se dizer que, quando ocorre a ativação de uma área cortical, determinada por um estímulo, provoca alterações também em outras áreas, pois o cérebro não funciona como regiões isoladas. Isto ocorre em virtude da existência de um grande número de vias de associações, precisamente organizadas, atuando nas duas direções. Estas vias podem ser muito curtas, ligando áreas vizinhas que trafegam de um lado para outro sem sair da substância cinzenta. Outras podem constituir feixes longos e trafegam pela substância branca para conectar um giro a outro de um lobo a outro, dentro do mesmo hemisfério cerebral. São as conexões intra-hemisféricas (RELVAS, 2010, p. 26).

A mesma autora afirma que propondo atividades pedagógicas combinadas, é possível desenvolver habilidades cognitivas diversas, em áreas linguísticas, lógico-matemáticas, espaciais, musicais, dentre outras, integrando e organizando as percepções visuais e escritas, por exemplo, definindo o ato de aprender como um ato de plasticidade cerebral, interceptado por fatores intrínsecos (genéticos) e extrínsecos (experiências).

Pode-se enfatizar a importância da plasticidade cerebral, no sentido de representar maior abertura e absorção para se aprender coisas novas, algo que ocorre durante toda a infância e também ao longo de toda a vida, pois apesar dos fatores genéticos entrarem na equação das tendências intrínsecas, as experiências extrínsecas podem determinar o **aproveitamento da aprendizagem em** estímulos que podem impactar no desenvolvimento integral a longo prazo.

É importante frisar, segundo (BARTOSZECK; BARTOSZECK, 2009), que inúmeras áreas do córtex cerebral são simultaneamente ativadas no transcurso de uma nova experiência de aprendizagem que reflitam o contexto da vida real e o seu contexto, de forma que a informação nova se apoie numa compreensão anterior adquirida.

A plasticidade cerebral é possível quando há a promoção de situações em que se aceite tentativas e aproximações ao gerar hipóteses e apresentação de evidências, o uso de resolução de casos e simulações através de gravuras, imagens e símbolos, assim como de saberes contextualizados por meio das artes visuais, músicas, dramatizações, dentre outras.

ASSESSORIA PSICOPEDAGÓGICA À CRIANÇA

É importante apontar para a contemporaneidade, segundo Lopes e Macedo (2011), em que defendem aportes teóricos trazidos pelo pós-estruturalismo, ressignificando a resistência e a emancipação como forma de valorizar uma Pedagogia Radical em prol do fortalecimento de lutas políticas coletivas e discursivas para entender a autonomia relativa da escola na produção de sentidos e significados para combinar discussões de classe e cultura, que são abertas e descentradas em relações de poder assimétricas difusas, de maneira que a voz dos alunos, suas histórias e culturas sejam consideradas nos processos de ensino e aprendizagem.

É nesse contexto que todos atuam na produção da diferença, o professor/alunos/pais e responsáveis/especialistas em educação, como é o caso do psicopedagogo produzindo diferentes saberes em diferentes contextos e relações de poder, assim pode-se afirmar que nenhuma dominação hegemônica acaba por completo com a diferença, onde o sujeito se constitui através da ação política discursiva em projetos emancipatórios que não podem ser unificados, mas sobretudo, que se relacionam as múltiplas demandas contextuais particulares da diferença, relacionadas à aprendizagem, às necessidades educacionais especiais, às demandas de gênero e outras quaisquer.

Portanto, os processos de assessoria psicopedagógica à criança devem apontar para iniciativas inclusivas educacionais e para a promoção da aprendizagem em projetos emancipatórios que viabilizem as fases do desenvolvimento infantil, que neste breve ensaio sobre às perspectivas para uma psicopedagogia da criança no Brasil, assume as correntes teóricas e epistemológicas da Psicanálise, Psicologia e Neurociência, sinalizando para as alternativas que os profissionais da área podem utilizar em suas práticas educacionais, no sentido de recriar possibilidades para a inclusão educacional e a promoção da aprendizagem com crianças que apresentam dificuldades no ato de aprender.

Vale citar Howard Gardner, psicólogo cognitivo e educacional estadunidense, ligado à Universidade de Harvard e conhecido em especial pela sua teoria das inteligências múltiplas, de sua reflexão sobre as diversas teorias e formas de avaliação da inteligência, que geralmente se baseiam no conceito de Quociente de Inteligência, o QI, que em seu ponto de vista é uma forma muito limitada de definir a inteligência humana.

A teoria das inteligências múltiplas, por outro lado, pluraliza o conceito tradicional. Uma inteligência implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural. A capacidade de resolver problemas permite à pessoa abordar uma situação em que um objetivo deve ser atingido e localizar a rota adequada para esse objetivo. A criação de um produto cultural é crucial nessa função, na medida em que captura e transmite o conhecimento ou expressa as opiniões ou os sentimentos da pessoa (GARDNER, 1995, p.21).

Com base nas inteligências múltiplas, o autor discute a princípio sete inteligências, ressaltando que as inteligências sempre funcionam combinadas, (ibid.,

1995, p.22), são elas: “A Inteligência Linguística, a Inteligência Lógico-matemática, a Inteligência Espacial, a Inteligência Corporal cinestésica, a Inteligência Musical, a Inteligência Interpessoal e a Inteligência Intrapessoal”, vale frisar que todas as inteligências em destaque podem ser desenvolvidas em âmbito escolar com praticamente todos os anos escolares, desde a educação infantil até o ensino superior, se houver um planejamento adequado e intencional para o aprendente adquirir novos saberes, competências e habilidades.

O psicopedagogo pode observar atentamente para tais inteligências múltiplas, no sentido de propor atividades didático-pedagógicas com vistas ao desenvolvimento de ações específicas nos processos de ensino e aprendizagem, em torno de cada fase do desenvolvimento infantil, considerando a relação didática existente entre o professor, o aluno e o conhecimento ensinado, como caráter de transposição didática e produtiva do conhecimento e da cultura escolar em prol de uma Psicopedagogia da criança no Brasil, sem perder de vista as lutas políticas coletivas e discursivas em meio as relações de poder, para uma autonomia relativa da escola frente a produção de sentidos e significados dos seus atores confrontando com as reais necessidades e expectativas dos alunos em situação de dificuldades no ato de aprender.

Neste sentido, de acordo com as fases do desenvolvimento educacional infantil abordados sob o recorte do conhecimento epistemológico apresentado (a fase oral ou sensório motora - de 0 até 1-2 anos; a fase anal ou pré-operatória - de 2 a 7 anos; a fase fálica ou operatório-concreta - de 7 a 13 anos), o psicopedagogo pode realizar assessoria institucional e clínica considerando as atividades combinadas no desenvolvimento de habilidades que incluem as inteligências múltiplas de Gardner predominantemente reveladas pelos estudantes, que estão de acordo com as fases do desenvolvimento infantil freudiano (através da evolução da psicosexualidade e da libido) e em âmbito piagetiano (com as fases sucessivas e cognitivas dos processos de equilíbrio, assimilação, acomodação e reequilíbrio) dos processos de ensino e aprendizagem.

Em Relvas (2010), sinaliza que as habilidades propostas das inteligências múltiplas servem como possibilidade de despertar para o desejo do conhecimento em aprender a aprender, em aprender a conviver, em aprender a fazer e em aprender a ser, de maneira que as atividades pedagógicas propostas para o desenvolvimento da Inteligência Linguística (podem concentrar-se na criação de projetos de leitura e escrita,

em ajudar os alunos a prepararem seus discursos, em despertar para debates e para os jogos de palavras cruzadas, dentre outros, visto que os alunos gostam de contar histórias, trocadilhos, realizar adivinhações, jogar com palavras, criar poemas); quanto a Inteligência Lógico-matemática (os professores podem propor jogos de estratégias, gravar informações em gráficos, estabelecer linhas de tempo e espaço, de mapas, dentre outros, visto que os alunos gostam de trabalhar com números, adivinhar coisas, analisar situações, saber como funcionam as coisas, assim como de exibir com precisão a resolução de problemas); quanto a Inteligência Espacial (os professores podem realizar o desenho de mapas e labirintos, conduzir atividades de visualização, dentre outros, visto que os alunos gostam de rabiscar, pintar, desenhar ou criar representações tridimensionais, trabalhar com quebra-cabeças, completar labirintos, montar e demonstrar coisas); quanto a Inteligência Corporal cinestésica (os educadores podem proporcionar atividades com movimentos, evidenciando o aspecto da psicomotricidade, dentre outros, visto que os educandos gostam de jogar esportes e serem ativos, assim como de utilizar o corpo através da dança, arte e representações mímicas); quanto a Inteligência Musical (os professores podem reescrever letras de músicas para ensinar conceitos educativos, ensinar história através da música, dentre outros, visto que os alunos gostam de escutar e tocar instrumentos, relacionar ritmos e rimas musicais e criar tons); quanto a Inteligência Interpessoal (os educadores podem explorar as aprendizagens cooperativas, realizar projetos em grupos e em duplas, criar situações em que possam trocar informações, dentre outros, visto que os educandos gostam de curtir amigos, entrar em consenso, atuar como membro de um time efetivo, assim como de liderar, meditar e dividir); quanto a Inteligência Intrapessoal (os professores podem permitir o trabalho no ritmo de cada um, designar projetos individuais direcionados, estabelecer metas, oferecer *feedback* um dos outros, propor projetos de reflexão, dentre outros, visto que os alunos gostam de controlar os próprios sentimentos e humores, estabelecer metas pessoais, aprender a escuta).

A autora ainda apresenta a Inteligência Naturalista, considera por Gardner como *meia* inteligência, assim os professores podem proporcionar momentos de aprendizagem fora da sala de aula, em manusear e ter plantas e animais quando possível, em conduzir experiências de ciências, em criar área da natureza, dentre outros,

visto que os alunos gostam de passar o tempo no ar livre, assim como de observar, colecionar plantas, pedras, animais, percebendo como um todo a natureza.

Vale observar a necessidade do planejamento psicopedagógico em relação as atividades propostas, em processos de assessoria, avaliação e diagnóstico constante, de maneira que haja uma intencionalidade para formar habilidades e competências que se desejam ao aprendente com dificuldades de aprendizagem, respeitando a singularidade dos alunos no sentido de propor desafios pedagógicos em que possam resolver ou que a mediação pedagógica seja possível para a inclusão educacional e a promoção de novos saberes.

Em relação aos princípios da neurociência para o desenvolvimento educacional infantil, no sentido de realizar uma releitura sobre as relações do cérebro, da aquisição da aprendizagem e das estratégias que podem ser criadas em sala de aula, vale pontuar sobre a importância da plasticidade cerebral, segundo Relvas (2010, p.26-27), em que “As associações recíprocas entre as diversas áreas corticais asseguram a coordenação entre a chegada de impulsos sensitivos, sua decodificação e associação, até a atividade motora de resposta [...] chamamos de funções nervosas superiores, desempenhadas pelo córtex cerebral”.

Nesse sentido, é possível afirmar que os neurônios de associação situados no encéfalo são responsáveis pelo surgimento das funções psíquicas superiores, onde o indivíduo é capaz de sentir, pensar, relacionar-se afetiva e emocionalmente, utilizando-se da motricidade corporal (os músculos voluntários e involuntários e as vísceras) como canal de expressão dos sentidos e emoções.

Infelizmente, a grande maioria dos professores desconhece como o cérebro e o sistema nervoso funcionam como um todo na esfera educacional, daí a importância em conhecer mais profundamente o seu funcionamento, até porque o ato de educar é promover a aquisição de novos comportamentos e habilidades, por isso, é parte da estratégia pedagógica o educador utilizar estímulos que levam à reorganização do sistema nervoso em desenvolvimento, o que produz as mudanças comportamentais através da plasticidade cerebral.

Cabe ao psicopedagogo assumir o compromisso político e ético de sua atuação, tanto em propor assessoria aos educadores para planejar as suas atividades de sala de aula, com vistas as fases do desenvolvimento integral da criança até os doze anos

incompletos, como em atuar clinicamente com o aprendente visando às transformações neurobiológicas cerebrais que levam à aprendizagem significativa, com instrumentos metodológicos específicos da Psicopedagogia, em processos de intervenção para favorecer os processos inclusivos educativos, promovendo a liberdade humana através do ato de aprender e garantir a voz e vez daqueles que possuem dificuldades de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível concluir que é possível proporcionar uma Psicopedagogia brasileira que tenha como referência a atuação para lidar com crianças de até os doze anos incompletos, segundo consta na normativa do ECA, entendendo que o indivíduo desde o seu nascimento passa por várias fases do seu desenvolvimento até chegar à fase adulta.

O sistema educacional brasileiro, e em particular, os contextos educacionais enfrentam sérias dificuldades de todas as ordens, envolvendo os atores escolares, as famílias que chegam para serem atendidas na escola, os alunos com dificuldades de aprendizagem e muitos outros problemas.

Neste sentido, o profissional de Psicopedagogia é um agente educacional que atua para sanar e lidar com dificuldades variadas, por isso, faz-se necessário delimitar seu campo de atuação para poder agir de maneira planejada sobre problemas específicos de aprendizagem, com determinado público, foi neste caminho que o estudo trilhou, sobre as fases do desenvolvimento da criança até os doze anos incompletos, sem perder de vista o objeto do trabalho psicopedagógico, que são as dificuldades de aprendizagem, a assessoria psicopedagógica, a inclusão educacional e a promoção da aprendizagem.

Para tanto, foi realizado um breve levantamento sobre a história da Psicopedagogia, desde o seu surgimento na Europa, passando pela Argentina até chegar ao Brasil, sendo os primeiros fundadores dos centros psicopedagógicos na França em 1946, J. Boutonier e George Mauco, na busca de soluções para os problemas de comportamento e de aprendizagem.

O objeto de pesquisa foi realizar um ensaio possível sobre as perspectivas para a Psicopedagogia da criança no Brasil, sendo que o enfoque teórico e epistemológico

utilizado foram a Psicanálise, a Psicologia e a Neurociência da infância com o devido recorte sobre as fases do desenvolvimento infantil, em fase oral ou sensório motora, em fase anal ou estágio simbólico, em fase fálica ou estágio conceptual, e em fase de latência ou estágio das operações formais. Em relação aos princípios da neurociência para o desenvolvimento infantil e os processos de ensino e aprendizagem, foi realizado uma releitura sobre as relações entre como o cérebro aprende e as estratégias que podem ser criadas em sala de aula.

E, por fim, quanto aos processos de assessoria psicopedagógica à criança até os doze anos incompletos, segundo o estabelecido pelo ECA, é necessário destacar as inteligências múltiplas de Howard Gardner, onde discute-se sobre as suas habilidades e competências, que interagem no sujeito aprendente de forma combinada, e sobretudo, vale sublinhar que todas as inteligências podem ser desenvolvidas em qualquer idade ou fase de desenvolvimento, desde a educação infantil até o ensino superior, desde que haja um planejamento sério e adequado para que novos saberes e competências possam ser desenvolvidas no ato de aprender, sendo esta uma tarefa do profissional de Psicopedagogia como compromisso ético com a educação da criança brasileira.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Mônica G. T. do. **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade:** um texto perdido em suas sucessivas edições? *Psicologia USP*, São Paulo, v.6, n. 2, p.63-84, 1995. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v6n2/a04v6n2.pdf>>. Acesso em ago. 2019.

BARTOSZECK, A. B; BARTOSZECK, F.K. **Percepção do professor sobre neurociência aplicada à educação.** EDUCERE. Revista de Educação, Umuarama, v. 9, n. 1, p.7-32, jan/jun, 2009.

BEAUCLAIR, João. **Para entender psicopedagogia:** perspectivas atuais, desafios futuros. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2006.

_____. **Psicopedagogia:** trabalhando competências, criando habilidades. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil:** contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

BRASIL, República F. do. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm> Acesso em ago. 2019.

COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação**. v. 2. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

D`ANDRÉA, Flávio Fortes. **Desenvolvimento da Personalidade**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2001.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth. **Teorias do currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Trad. Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **Seis estudos de psicologia**. Trad. Maria Alice Magalhães D´ Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. 24ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

SILVEIRA, Rafael da. **O que faz um psicopedagogo institucional?** Revista Práxis Pedagógica. vol. 2, nº 1, mar. 2019. Disponível em: <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/praxis/article/view/119/pdf>>. Acesso em ago. 2019.

RELVAS, Marta Pires. **Neurociência e educação: potencialidades dos gêneros humanos na sala de aula**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

RIBEIRO, D. O.; FREITAS, Patrícia M. de. **Neuroplasticidade na Educação e Reabilitação Cognitiva da Deficiência Intelectual**. Rev. Educação Especial, v. 32, 2019. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/31119/31119>>. Acesso em ago. 2019.

SANTOS, Jane N.; MARTINS, Magali M. M.; MOTTA, Maria do C. dos S.; OLIVEIRA; Rosa M. M. de; ANDRADE, Márcia S. de. **Estudo comparativo sobre a formação em psicopedagogia em três países: Argentina, Brasil e Espanha**. Rev. Psicopedagogia 2012; 29 (90): 313-9. Disponível em <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/123/estudo-comparativo-sobre-a-formacao-em-psicopedagogia-em-tres-paises--argentina--brasil-e-espanha>>. Acesso em ago. 2019.

SISTO, Fermino Fernandes. [et al]. **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.



Recebido: 7/9/2019. Aceito: 14/11/2019.

Sobre o autor e contato:

Rafael da Silveira; Faculdade Alpha do Recife (FAR) - Psicanalista Clínico (cursando) pelo IBPC, concluí em 2019.2 e Mestrado em Educação (Aluno Temporário) pela UFPE. Especialista em Neuropsicopedagogia, em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade Candido Mendes (UCAM-RJ) e Graduado em Pedagogia com Habilitação em Orientação Educacional pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC-SC). **Endereço:** Rua João Napoleão, 96 – 2º andar; Bairro: Divinópolis; Cidade: Caruaru – CEP: 55010-490. **Fone:** (081) 995718328.
E-mail: prof.rafael.silveira@gmail.com